

KARL MARX - FAZER CIÊNCIA DE OUTRA MANEIRA

Maria Antonia Gomes*
Edma José Silva**

RESUMO:

O artigo traz uma leitura da teoria marxiana, abordando o método dialético como uma nova forma de fazer ciência.

PALAVRAS-CHAVE: método dialético, capital, capitalismo, conhecimento, mercadoria.

1. Introdução

Pelo trabalho, o homem modifica a realidade que o circunda, e ao modificar essa realidade modifica a si mesmo, produz objetos e altera sua própria maneira de estar no mundo e de percebê-lo. *Faz sua historia*. Essa forma de conceber a relação indissociável dos homens com a natureza e dos homens entre si, mediada pelo trabalho, em Marx, configura uma nova forma de fazer ciência.

Ciência em que o sujeito humano é entendido como o sujeito individual, e resultado de um processo histórico e de relações sociais concretas de sua existência, que concebe na realidade histórica, um processo, no qual se objetivam de forma permanente o trabalho humano e, com ele, a consciência humana, constituída em condição fundamental para refletir o sujeito e as condições materiais de sua existência. Nesse processo, o homem, ser social, que pensa e age na e sobre a realidade, deixa antever em suas práticas e saberes suas representações e condicionantes estruturados, com base na relação de apropriação estabelecida no processo de trabalho.

* Professora da Faculdade Anhangüera de Ciências Humanas e da Universidade Paulista, mestranda em Educação Brasileira da Universidade Federal de Goiás (UFG).

** Professora da Faculdade Anhangüera de Ciências Humanas e da Faculdade Evangélica de Anápolis, Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

O conhecimento está na inter-relação entre pensamento e ser, entre sujeito e objeto, apontando o lugar da prática na sua produção, posto que, para Marx, o processo de produção do conhecimento é produto da atividade humana, entendida não abstratamente, mas como atividade real, objetiva e material. Assim, na *I Tese sobre Feuerbach* (1987), mostra que conhecer é conhecer objetos que se integram nas relações entre homens e o mundo, entre homens e a natureza. Relações que se estabelecem graças à atividade prática humana.

Este texto trata sobre essa forma de conhecer. Perseguimos o método proposto por Marx, em *Para a crítica da Economia Política* (1987), como diretriz para a construção do conhecimento, e assim, fazer uma leitura da teoria marxiana, enfocando a perspectiva que reafirma o materialismo dialético, no âmbito da análise tanto do homem, quanto do meio social, assinalando esse meio como construto dos homens, em suas contingências históricas.

Além da busca de uma compreensão mais objetiva sobre o método dialético em Marx, deve-se enfatizar também a preocupação, neste trabalho, de uma tentativa de sistematização e compreensão teórico/metodológica desenvolvida em *O capital* (1983) capítulo I, quando Marx toma como ponto de partida de seus estudos o conceito de mercadoria.

Tais reflexões apontam a possibilidade de uma leitura mediada e mediadora entre teoria e práticas sociais, uma vez que os textos metodológicos marxianos definem muito bem o princípio, mas não abordam os procedimentos. Isto se dá porque, em Marx, os procedimentos vão sendo construídos na relação que se estabelece com o objeto e, nesse sentido, o método são as categorias que servem de critério de seleção e organização da teoria dos fatos a serem investigados.

Ao contrário dos positivistas, que abordam os fatos sociais como *coisas*, Marx os trata sempre como relações, não definindo de uma vez por todas o objeto por critérios ou atributos. Também recusa a exigência weberiana de separar claramente o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido e a realidade constituída por meio de uma construção conceitual científica. Decorre, daí, não haver na literatura marxiana uma obra específica sobre o método, mas indicações metodológicas apontadas em suas obras. Marx, ao integrar criticamente as contribuições da filosofia clássica alemã, do socialismo utópico fran-

cês e da economia política inglesa, elabora, simultaneamente, seu método de análise e a leitura da sociedade capitalista.

Ao longo de sua obra, ao abordar o método e a interpretação do capitalismo, Marx o faz sempre e conjuntamente com a realidade histórica, com a problemática do capitalismo e o método de análise. Isto pode ser observado no *prefácio* da primeira edição e *posfácio* da segunda edição de *O capital*, momentos em que se preocupou em explicar alguns aspectos da dialética materialista.

Marx compreende o objeto e o método de seu trabalho como elementos necessários e encadeados do mesmo processo de conhecimento. Nesse sentido, dentre a sua expressiva bibliografia, algumas obras apresentam-se como relevantes para a compreensão de sua abordagem metodológica, e dentre essas, neste trabalho, propomos abordar: *Para a crítica da Economia Política* (1987), *Manuscritos econômico-filosóficos* (1975), *O capital – volume I* (1983) e *A ideologia alemã* (1987), como referencial de análise e compreensão de seus estudos sobre o método.

Essa abordagem não pretende ser exaustiva, e muito menos conclusiva. Busca tão somente refletir uma leitura do processo de conhecimento como produto da atividade humana, entendida não abstratamente, mas como atividade real, objetiva, material e, assim, identificar como Marx aplica o método que apresenta em *Para a crítica da Economia Política* (1987).

2. O método dialético em Marx

Objetivando explicitar as causas do processo formativo da sociedade capitalista, Marx buscou aproximar-se de seu objeto, com a criação de um método e concepção teórica, com sustentação em referenciais teórico-metodológicos já esboçados no seio da pensamento social ocidental, nos últimos séculos que antecedem sua inserção no mundo intelectual e político-ideológico, de então.

As fontes nas quais se inspira para a criação da abordagem materialista da história, da economia, da filosofia, das ciências políticas e da sociologia, dentre outros vislumbres teóricos em outras áreas, referem-se

à filosofia alemã , ao socialismo utópico francês e à economia política clássica inglesa.

Por meio de estudos e compreensões aprofundadas sobre as fontes constitutivas do pensamento social ocidental acumulado, Marx debruçou-se sobre os aspectos que se apresentavam, segundo sua ótica, como os mais avançados. Desse modo, ao abordar a filosofia clássica alemã em sua vertente materialista, inclinou-se em aprofundar a concepção hegeliana sobre a dialética, concepção esta que aponta o movimento de luta e unidade dos contrários, no interior dos fenômenos e coisas como origem do movimento.

Embora, em Hegel, tal emancipação se ativesse a perceber esse movimento na esfera do pensamento, Marx, por sua vez, propõe-se a aplicar esse princípio da dialética ao movimento real, isto é, procura interpretar as relações sociais constituídas e constitutivas do capitalismo, como relações que expressam a luta das forças sociais pela apropriação e controle da riqueza, que é produzida socialmente.

Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, nem dogmas. São pressupostos reais de que não se pode fazer abstração a não ser na imaginação. São os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas, como as produzidas por sua própria ação (Marx, 1987, p. 26).

Em outras palavras, Marx destaca o foco da atenção do mero movimento do pensamento, para o movimento concreto das relações de trabalho (conseqüentemente da posse privada da riqueza social) que são, em sua natureza, antagônicas e complementares, simultaneamente.

O método de análise da sociedade capitalista, para Marx, não deve ser redutível apenas ao plano da abstração concebida idealisticamente; ao contrário, dota o pensamento de uma força e concretude que pertencem ao real. “*Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência*” (Marx, 1987, p. 37).

É no homem, que não está deslocado de uma materialidade objetiva e subjetiva histórica, que a problemática da ordem social e econômica bur-

guesa-capitalista se manifesta e se revela. A produção capitalista encerra uma determinada visão do homem, que atua nesta realidade histórica.

Esta idéia do homem, com seu significado fundamental e radical,¹ repleto de significações sociais e históricas é o objeto de investigações científicas e reflexões da teoria marxiana.

O Homem que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, só encontrou o reflexo de si mesmo, não se disporá mais a encontrar somente a aparência de si próprio onde procurava e devia procurar a sua verdadeira realidade (Marx, 1975, p. 77).

Marx não utiliza a realidade somente sob a forma do objeto, ele a quer compreender como “*atividade humana sensível, como práxis, não subjetivamente*” (1987, p. 11); é na realidade que o homem deve demonstrar a verdade.

O processo de conhecimento não pode ser descrito fora da relação prática do homem com a realidade e, nesse sentido, os fatos sociais não são deslocados de uma materialidade objetiva e subjetiva. A construção do conhecimento é um processo histórico que exige uma abstração e também uma teorização. Trata-se de um esforço para ir à raiz das determinações múltiplas e diferenciadas que constituem determinado fenômeno.

A reflexão sobre os objetos do mundo exterior parte da importância que têm como meio para a satisfação das necessidades humanas. O processo crescente de apropriação prática desses objetos leva, por outro lado, que se objetive na realidade histórica que importa conhecer. Dessa forma, por um lado, é necessário que a prática humana faça parte da definição de uma realidade, que ela, afinal, ajudou a construir, e, por outro lado, a prática se transforme em critério de verdade:

Perguntar se o pensamento humano possui verdade objetiva não é uma questão de teoria, mas uma questão prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento (Marx, 1987, p. 125 -126).

¹ Segundo Marx, ser radical é tomar as coisas pela raiz. E a raiz, para o homem, é o próprio homem.

O pensamento científico aparece imbrincado por uma relação entre o mundo e o homem, que deve ser explicitado como prática objetivada. A realidade histórica é uma realidade estruturada, e essas estruturas só são passíveis de conhecimento, por parte do pesquisador, quando referidas às práticas.

Nos escritos *Para a crítica da Economia Política* (1987), Marx tem como interlocutores não mais os filósofos, mas os economistas ingleses clássicos (Adam Smith, Ricardo), que segundo ele, embora partindo *de uma totalidade viva – população, Nação, Estado* – cometem o pecado de considerar esses elementos de forma isolada, não fazendo a devida ligação com o processo histórico. “*No entanto, graças a uma observação mais atenta tomamos conhecimento de que isso é falso*” (1987, p. 14).

A população, segundo Marx, é uma abstração, caso se despreze, por exemplo, as classes que a compõem. E o real e concreto revelam-se como abstração destituída de conteúdo, se não se penetrar até sua estruturação:

A mais simples categoria econômica, suponhamos, por exemplo, o valor de troca, pressupõe a população, uma população produzindo em determinadas condições e também certos tipos de famílias, de comunidades ou Estados. O valor de troca nunca poderia existir de outro modo senão como relação unilateral, abstrata de um todo vivo e concreto (Marx, 1983, p. 218).

No percurso analítico de Marx, deve-se partir do concreto, passando para abstrações cada vez mais transparentes, até as determinações mais simples, e fazer o caminho de volta, para chegar novamente na população – *concreto pensado*.

Daí teria que retomar-se à viagem de volta até que chegasse na população, mas desta vez não na concepção caótica de um todo, mas sim numa totalidade rica de muitas determinações e relações (Marx, 1983, p. 219).

O concreto não é, para Marx, o dado imediato empírico da pesquisa, mas uma construção conceitual ou concreto de pensamento, “*o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade*” (1983, p. 218). Essa totalidade concreta abrange todas as relações sociais de um determinado período histórico. O concreto é caracterizado como

um todo mais desenvolvido, no qual subordina o simples, e o todo não pode ser encontrado a não ser em suas partes.

Nesse procedimento metodológico, está implícita a idéia de uma realidade que não permite uma formulação desvinculada das formas de sua existência. É por isso que Marx exige reiniciar de imediato a viagem de retorno, caminho para desvendar as relações entre os fenômenos da superfície e apreendê-las de forma adequada, na realidade concreta. Marx advoga, assim, a possibilidade da transformação social que não deve restringir-se apenas ao âmbito teórico, mas sobretudo, à *práxis* das condições sociais – “*Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras, o que importa é transformá-lo*” (1987, p. 14).

Assim, para Marx, deve-se apreender as determinações do núcleo fundamental de um fenômeno, sem o qual esse não se constituiria; esse é o exercício por excelência da teorização histórica de ascender do empírico ao concreto, pela mediação do abstrato, reconstruindo o *concreto pensado*, o qual, por sua vez, é distinto do real, que por ser histórico, é sempre complexo, e por limites do sujeito que conhece, é sempre relativo.

3. Uma leitura do método no primeiro capítulo de *O capital*.

Marx, em sua obra *O capital* (1983), desenvolve uma grande lição teórico-prática sobre o método, ao elaborar uma profunda investigação de uma formação social – o capitalismo – com o objetivo principal de descobrir a lei econômica do movimento da sociedade moderna, isto é, estudar as relações de produção de uma sociedade historicamente determinada e concreta no seu nascimento, desenvolvimento e declínio.

O ponto de partida de investigação é a mercadoria, que, segundo ele, é a célula germinativa do modo de produção capitalista. É com base no conceito de mercadoria que Marx desvela a realidade profana das relações objetivadas que os homens realizam entre si e perscruta o segredo dos ciclos e dos ritmos econômicos da sociedade produtora de mercadorias, objetivando renovar a escrita da história.

Da produção de mercadorias às antinomias do capital (valor de uso/valor de troca/valor; trabalho concreto/trabalho abstrato; consciência/feti-

che/alienação), Marx fundamenta a reprodução na sociedade capitalista - do trabalho como criador de valor-de-uso, fundante da realização e ponto de partida do processo de humanização do ser social, ao verdadeiro sentido do trabalho geral, abstrato, que arranca os homens de sua individualidade e projeta-os no universal.

A mercadoria como ponto de partida, é o aparente, o real concreto. À primeira vista, é uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a sua natureza, e origem, ou seja,

a mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie (Marx, 1983, p. 45).

Ao enfatizar a mercadoria como uma coisa que satisfaz as necessidades humanas, e tomá-la como ponto de partida, Marx, em termos teóricos, a define como valor-de-uso, que é reconhecido de modo imediato, pelos nossos sentidos, pelas suas propriedades materiais específicas e utilidade: “*A utilidade de uma coisa faz dela um valor-de-uso*” (1983, p. 45).

Ao possuir a mercadoria o duplo caráter do valor-de-uso e valor-de-troca, nela estará subjacente o caráter próprio do trabalho que a produz – “*deixando de lado então o valor-de-uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho*” (Marx, 1983, p. 47).

Como produto do trabalho, a mercadoria revela o que antes velava, ou seja, como valor, dispõe de uma forma de manifestação própria, diferente. Essa forma de manifestação está centrada no processo de *abstração* do trabalho, que, pelo fato de estabelecer uma relação de equivalência entre variadíssimos trabalhos concretos, assume a substância de *valor*. “*O que há de comum, que se revela na relação de troca ou valor de troca da mercadoria, é, portanto, seu valor*” (Marx, 1983, p. 47).

Nesse exercício de apreensão das mediações contidas na mercadoria como *valor-de-uso e valor-de-troca*, Marx, abstraindo-se do real e concreto aparente, aponta a mercadoria como *valor*, estabelecendo um novo conhecimento, que é apreendido no movimento do pensamento, e vai do concreto aparente ao abstrato,

retornando ao concreto pensado pela mediação do empírico; isto é, um movimento da teoria para a prática e desta para a teoria, no exercício de superação da aparência e de busca da essência em sua concretude.

quando no início deste capítulo, para seguir a maneira ordinária de falar, havíamos dito: a mercadoria é valor de uso e valor de troca, isso era a rigor falso. A mercadoria é valor de uso ou objeto de uso e “valor” (Marx, 1983, p. 62).

Assim, a segunda definição de valor ao negar a primeira afirma que ela é correta de um ponto de vista pragmático, embora não reflita a *essência* da mercadoria.

O valor-de-uso é constituído por múltiplas propriedades materiais, concretas, empíricas, imediatamente, apreensíveis pelos sentidos, ao contrário do *valor*, que contém em si uma abstração, pois “*valor é uma propriedade concreta, mas impalpável aos sentidos*” (Marx, 1983, p. 54).

Marx adota a teoria de *valor-trabalho* desenvolvida pelos economistas clássicos, pela qual o trabalho exigido pela produção das mercadorias mede o valor de troca entre elas. No entanto, para os economistas clássicos, o valor não era uma qualidade social dos produtos, mas algo natural, indiferente às formas sociais. Ao contrário desses economistas, a teoria marxiana considera o valor, antes de tudo, como uma substância social-histórica. O trabalho criador de valor é o trabalho socialmente necessário, executado segundo as condições históricas e sociais.

Dessa perspectiva, a mercadoria é vista como uma contradição que, ao mesmo tempo que se apresenta como objeto útil, um valor-de-uso, apresenta-se também como objeto útil para outrem, ou seja, um valor, que exige um elemento que possibilite quantificá-lo e esse elemento quantificável do valor é a quantidade de trabalho que está inserido, integrado, cristalizado em cada mercadoria.

Portanto, um valor-de-uso ou bem possui valor, apenas, porque nele está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato. Como medir então a grandeza de seu valor? Por meio do quantum nele contido “substância constituidora de valor”: o trabalho (Marx, 1983, p. 47).

Logo, para Marx, o valor de um produto final é determinado pelo tempo socialmente necessário gasto em sua produção, isto é, por todos os tempos de trabalho que progressivamente nele se foram acumulando, desde o momento em que começou a ser trabalhado, até a sua chegada ao consumo.

De um lado, há o caráter útil do trabalho, relação de intercâmbio entre os homens e a natureza, condição para produção de coisas socialmente necessárias. É a categoria marxiana que garante a sociabilidade do homem, o momento em que se efetiva o trabalho concreto. Deixando de lado a dimensão concreta do trabalho, resta-lhe apenas ser dispêndio de força humana produtiva, física ou intelectual socialmente determinada, e o trabalho assume a sua dimensão abstrata,

onde desvanecem-se (...) as diferentes formas de trabalho concreto e onde elas não mais se distinguem uma das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho abstrato (Marx, 1983, p.44).

Em sua forma mais simples, o trabalho produz uma utilidade, um valor-de-uso, no entanto, ao produzir não mais para si, porém para outrem, o trabalho assume uma dimensão abstrata.

Marx, ao privilegiar a mercadoria como forma de apreender um sistema social histórico e de desvendar o seu caráter místico, mostra que o *valor-de-uso* esconde o *valor-de-troca* e ambos escondem o *valor-trabalho*; que a mercadoria é trabalho social cristalizado e alienado, e no final do capítulo I de *O capital* (1983), examina a mercadoria como produtora do fetiche na sociedade produtora de mercadoria.

A mercadoria, assume-se, finalmente, como um objeto não-trivial, com capacidade para transformar os produtos dos trabalhos e com poder sobre as necessidades materiais e espirituais do homem, em forma de *fetiche*.

O fetichismo, na teoria marxiana é um fenômeno específico da sociedade capitalista, na qual os produtos do trabalho são convertidos em mercadorias. Assume características básicas da sociabilidade do trabalho que produz valor, em que a relação entre pessoas se inverte ou assume forma fantasmagórica de uma relação entre coisas ou entre coisas e pessoas.

Este caráter fetichista do mundo das mercadorias provém, como a análise precedente já demonstrou, do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias (Marx, 1983, p. 71).

Nesse percurso teórico-metodológico, Marx revela a essência da mercadoria pela negação de sua aparência de objeto trivial, a serviço das necessidades. Ou seja, ela inverte as inversões contidas nas representações imediatas e primeiras da mercadoria.

Não é pois, a mercadoria que está a serviço das necessidades humanas e sim, as necessidades humanas é que estão submetidas, controladas e manipuladas pela vontade e inteligência do universo das mercadorias.

Considerando-a fetiche, Marx discorre sobre a mercadoria de modo antropomórfico, como se ela tivesse pés, mãos, cabeça, idéias, iniciativas, vida própria. Em outras palavras, como um objeto misterioso e fantasmagórico.

À primeira vista, a mercadoria parece ser coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e -+manhas teológicas (Marx, 1983, p. 70).

A trivialidade da mercadoria é uma falsa trivialidade, que esconde o seu caráter misterioso. A sua utilidade é também falsa, uma vez que as necessidades humanas é que são por ela utilizadas. O caráter místico e misterioso da mercadoria não provém do seu valor-de-uso; consiste no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho. "*O misterioso na forma mercadoria não provém do trabalho produtor de valores de uso mas do trabalho gerador de valor*" (Marx, 1983, p. 70-71).

Nesse sentido, a objetividade econômica, como forma de objetividade social e específica do trabalho socializado capitalista, é explicitada pela teoria marxiana no percurso metodológico como uma objetividade fetichizada.

O fetichismo, no entanto, não constitui uma característica da consciência, é um atributo objetivo da formação social capitalista que, em sua forma nuclear – a mercadoria – apresenta-se como trabalho abstrato, não mais como produtor de valor-de-uso e, sim, como produtor de valor e subordinado a esse valor.

Na verdade, a mercadoria é apenas forma de valor, forma fetichizada do sujeito na sociedade capitalista, que tende a apresentar as relações dos homens entre si como relações entre coisas. Um dos segredos da teoria marxiana é o processo de desvelamento do capital, como produto do trabalho dos homens, em determinados contextos históricos, nos quais os homens se alienam do produto de seu trabalho, e a mercadoria toma uma forma objetiva e autônoma, ou seja, *fetichizada*.

Por conseguinte, na aplicação do método correto, segundo Marx, está implícita a idéia de uma realidade, na qual se deve distinguir entre forma de manifestação e essência, superfície e cerne do fetichismo da mercadoria e do capital. Desvenda-se o caráter alienado de um mundo em que as coisas se movem como pessoas, e as pessoas são dominadas pelas coisas que elas próprias criam. Ocorre assim o desvelar da realidade.

4. Considerações finais

Ao definir o objeto, Marx discorre, com clareza, sobre qual a sua determinação mais simples (a mercadoria como valor de uso), de que forma o objeto se manifesta de modo mais evidente (valor) para apreender o todo (o fetiche da forma mercadoria na sociedade produtora de mercadorias), objetivando na parte apreender o todo e tanto mais se abstrai do específico, melhor se apreende a totalidade, com sua teia de relações, descortinando assim a concretude, que permite abranger o objeto em todos seus aspectos, todas as relações e mediações .

Essa diferenciação íntima do objeto, essas gestações do sujeito no objeto escapam da armadilha especular do reflexo tautológico. Pela mediação da prática, a teoria pode apreender realmente o objeto, e não simplesmente abraçar seu fantasma conceitual. A crítica da economia política inaugura assim uma outra maneira de fazer ciência. Ela não se reduz à ciência positiva da economia, nem ao retorno especulativo da filosofia alemã.

O que Marx realiza é uma oposição entre aparência e essência; forma e conteúdo; ilusão e realidade; fenômeno e substrato oculto; manifestação e conexão interna; o que permite um acesso à conexão interna, passando por uma desconstrução das aparências, quando as relações sociais estabelecidas entre os produtores assumem também a forma de relação entre os produtos do traba-

lho, e a relação social, estabelecida entre os homens, torna-se uma forma de relação entre as coisas.

5. Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. 3ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- _____. *O capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, v. I (Coleção Os Economistas).
- _____. *Formações econômicas pré-capitalista*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *A miséria da filosofia*. 2ª ed., São Paulo: Global, 1985.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 9ª ed., Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Estampa, 1987.
- _____. *Para a crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores).

ABSTRACT:

The text brings of marxist theory, telling about the dialect method as a way of building up science.

KEY-WORDS: Dialect method, capital, capitalism, knowledge, and goods

